Algarve

Barlavento

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
São Bartolomeu de Messines

Sotavento

Alte
Alportel

Xana

Jorge Pereira
Mariana, a Miserável
Menau
Padure
Susana Gaudêncio
Tiago Batista

Algarve

Barlavento

Vila do Bispo 16
Barão de São João 18
Mexilhoeira Grande 22
Figueira 26
São Bartolomeu de Messines . 32

Sotavento

Alte 40
Alportel 50

Xana

Jorge Pereira
Mariana, a Miserável
Menau
Padure
Susana Gaudêncio
Tiago Batista

Imaginemos que vamos a todas as localidades abrangidas pelo Arte Pública fundação edp e que pintamos as paredes de branco, desmontamos as instalações dos espaços, apagamos do mapa as obras de arte criadas nas várias povoações intervencionadas de norte a sul do País. Que efeito teria na vida destas pessoas?

O Arte Pública fundação edp é um mapa feito de um conjunto de obras de arte concebidas em espaços públicos de pequenas localidades de diversas regiões do País. Um programa desenhado pela fundação edp para proporcionar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na sociedade.

Sinais de trânsito transformados em figuras tradicionais como a da mulher de lenço na cabeça? Duas raízes de árvores entrelaçadas, com pernas e braços? Um moinho em cima de um burro? Um homem em cima de um escadote a apanhar estrelas? Obras "bonitas" e "boas para a terra", como costumam dizer as pessoas destas comunidades, sem se alongarem a extrapolar significados para lá dos significantes que lhes são apresentados. É neste grau zero, é nesta marca de início, que reside a premência do programa Arte Pública fundação edp.

O Arte Pública fundação edp introduz um contacto concertado por parte das populações com uma ideia contemporânea de cultura visual. Para muitos, o conceito de arte liga-se ainda à noção de artesanato ou a uma ideia de arte-verdade, em que o objeto artístico assume a função de replicação da realidade, numa mimética de embelezamento da mesma, como nos explica o artista plástico Xana, membro do movimento artístico dos anos 80 Homeostética e um dos artistas do projeto Arte Pública fundação edp que deixaram a sua marca nas localidades a barlavento e a sotavento do Algarve.

Em cada região, associações e artistas foram desafiados a apresentar propostas de intervenção pública, que iam da pintura à escultura ou à instalação em vídeo e/ou som. Os artistas partiram para o terreno com duas premissas. A primeira foi a de não se colocarem no papel de educador, mas sim de facilitador. O de pôr ferramentas à disposição de modo que as populações pudessem inteirar-se de como funciona todo o processo de criação artística, desde o *brainstorming* à definição de temáticas, ao uso de técnicas, à mão na massa, ao resultado. E a segunda foi a de desmistificar a arte enquanto prática elitista, inacessível. A arte tem, na sua premissa, uma matriz política: a de dar liberdade, a de proporcionar caminho e escolha.

Foram envolvidas as instituições locais para definir quais os espaços públicos disponíveis, a par dos equipamentos da rede da EDP Distribuição, empresa parceira da fundação edp neste projeto, a serem intervencionados. E, em cada localidade, a população foi convidada a participar em assembleias comunitárias. As pessoas conheceram os artistas e deram a conhecer-se. Expressaram as suas sugestões de temas a serem tratados em obras, contaram as histórias e as tradições da terra, falaram das atividades económicas predominantes e das figuras de relevo.

Aos artistas coube a tarefa de interiorizar as sugestões e integrarem os temas sugeridos no seu trabalho e na sua linha autoral. Foram feitas maquetes das "obras-que-iriam-ser" que foram depois apresentadas à população.

PP 2 e 3: *Mural comunitário*, Figueira, 2016. — P5: Assembleia comunitária, Alte, 2016.

Seguiram-se os dias de trabalho, de feitura das obras. Na comunidade, cresce a curiosidade e a proximidade aos artistas. Precisam de alguma coisa? Água? Algo para comer? Momentos de pausa são passados na pastelaria da rua, no convívio com os locais.

O Arte Pública fundação edp é este ponto de encontro no qual se cruzam intencionalidade artística e intencionalidade social. É um programa que promove uma sensação de pertença, que já não se perde, independentemente de a tinta começar a cair, de a chuva vir a desbotar os tons. Neste caso, trata-se de uma sensação de pertença dupla. Este património artístico é das pessoas, da comunidade. Motivo por que são criadas, em cada região, visitas-percurso com guias locais, que são também elas uma forma de elo, de ligação das populações a quem as visita. E fá-las sentir-se não isoladas do mundo, mas parte de uma ideia de contemporaneidade que vive a cultura visual a uma velocidade estonteante. Se por um lado a arte fixa, fixa a identidade de uma povoação, por outro fluidifica-se, permite-se novos usos e abordagens.

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias e
Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Trás-os--Montes

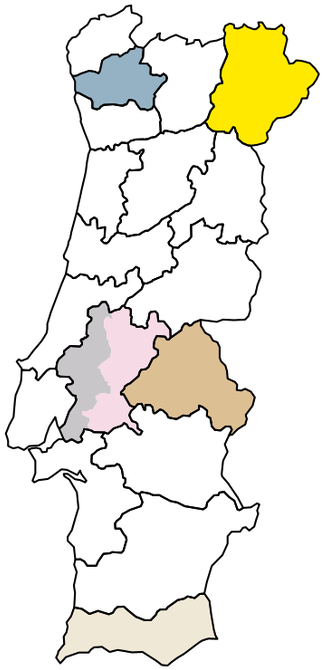
Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Alto Alentejo

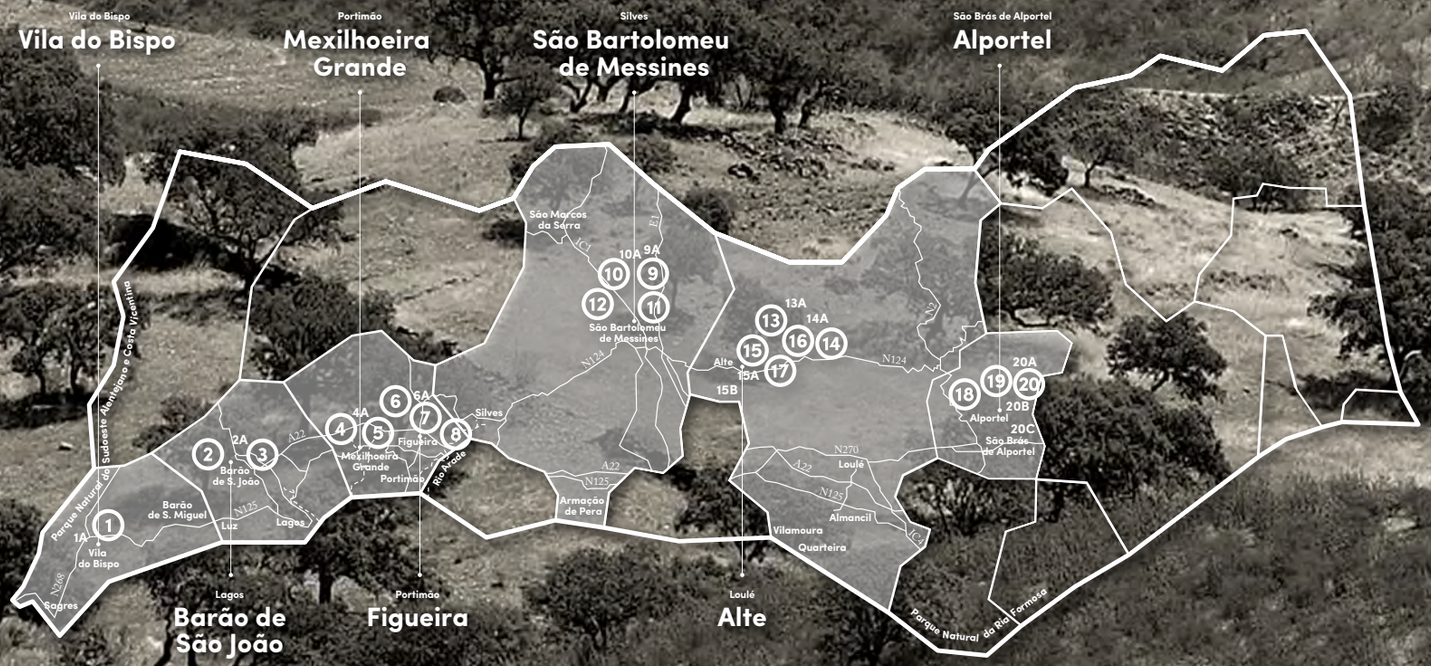
Campo Maior
Degolados
Ouguela

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel



O Ser, Menau, São Bartolomeu de Messines, 2016.



Vila do Bispo

1. **S/TÍTULO**, Jorge Pereira

Barão de São João

2. **MIGRAÇÕES**, Mariana, a Miserável
3. **S/TÍTULO**, Jorge Pereira

Mexilhoeira Grande

4. **WATCHING YOU**, Xana
5. **CRIATURAS DO MAR**, Padure

Figueira

6. **S/TÍTULO**, Vários autores
7. **MURAL COMUNITÁRIO**, Comunidade/Xana
8. **SENHORA DAS LARANJAS**, Mariana, a Miserável

São Bartolomeu de Messines

9. **MURAL COMUNITÁRIO**, Alunos/Xana
10. **O SER**, Menau
11. **MARTÍRIO**, Tiago Batista
12. **ALS MESSINES**, Xana

Alte

13. **INTERVENÇÃO COLETIVA**, Vários autores
14. **GENTES DA MINHA TERRA**, Menau
15. **O JOVEM DA ALDEIA**, Menau
16. **BALTAZAR**, Padure
17. **O CLARÃO**, Susana Gaudêncio

Alportel

18. **O PORTAL**, Susana Gaudêncio
19. **NADA SE LAVA SOZINHO**, Tiago Batista
20. **OUTRA BABEL**, Xana

img: Luis Forra, © 2007 LUSA – Agência de Notícias de Portugal, S.A.

Algarve WATT?

Parceiro:

LAC – Laboratório de Atividades Criativas

Facebook:

WATT? Um Projeto Artístico para a Comunidade

Barlavento algarvio
Localidades:

VILA DO BISPO
Vila do Bispo

BARÃO DE SÃO JOÃO
Lagos

MEXILHOEIRA GRANDE
Portimão

FIGUEIRA
Portimão

SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES
Silves

O posto de transformação da EDP Distribuição encontra-se à entrada, junto à bifurcação, de quem chega a Vila do Bispo pelo lado este. Pela esquerda circundamos a vila, pela direita subimos uma rua de pequenas casas rurais, geminadas, de piso térreo, com alguns estendais de roupa portáteis na via pública, junto à soleira das portas, e gaiolas de periquitos no chão, a apanhar o sol do meio-dia. Na rua, apenas silêncio. Na parte lateral do posto de transformação, está desenhado um homem, de impermeável amarelo, dobrado, de arrilhada na mão, a apanhar percebes.

Envolvimento comunitário, Barão de São João, 2016

O modelo do desenho é Nuno Pereira, membro da direção do LAC – Laboratório de Atividades Criativas, que, em coordenação com o artista plástico Xana, também membro da direção e elemento fundador do movimento artístico Homeostética, que existiu em Portugal nos anos 80, escolheu o grupo de artistas que iriam intervir nas várias localidades do Algarve. Nuno Pereira também é músico, pois o LAC é constituído por uma equipa multidisciplinar: vai da música às artes plásticas e da dança ao *design*. O LAC, sediado na antiga cadeia de Lagos, agilizou toda a produção do projeto do **Arte Pública fundação edp** a sul, cujos núcleos – a barlavento e a sotavento – receberam o nome de "WATT? – Um Projeto Artístico para a Comunidade".

Assembleia comunitária, Barão de São João, 2016

A primeira abordagem passou por contactar as instituições locais para proceder a um levantamento de paredes públicas nas quais se pudesse intervir. Depois, a promoção de assembleias com a população: uma primeira para apresentar os artistas selecionados e os seus trabalhos e ouvir a população – preocupações, lendas, histórias, heróis sugeridos para serem tema das obras na sua terra; a segunda para os artistas apresentarem uma proposta da intervenção do que iriam fazer e sujeitarem-na à aprovação popular. Seguiram-se os dias de criação, rodeados de latas e tintas, por vezes em cima de andaimes. Por fim, depois de todas as obras terminadas, incluindo as coletivas e as que contaram com a participação dos próprios locais, fez-se uma visita-circuito de dois dias pelas sete localidades.

S/Título, Jorge Pereira, Barão de São João, 2016.

"O envolvimento das autarquias e juntas de freguesia foi bastante positivo", refere Nuno Pereira. "Facilitaram a logística: transportes, montagem de equipamento, lavagem de paredes, etc. E disponibilizaram espaços para se realizarem as assembleias."

"O critério da escolha das localidades de cada núcleo passou por ligações a parcerias já existentes. Foi assim em Vila do Bispo, por exemplo. Ou então por conhecermos melhor os locais. Eu sou de Vila do Bispo. O critério relativamente a Barão de São João foi o facto de existir lá uma grande comunidade artística. Já na Mexilhoeira Grande, foi a própria junta que se chegou à frente, queria mesmo que a localidade participasse."

Senhora das laranjas, Mariana, a Miserável, Figueira, 2016.

Nuno Pereira salienta ainda que a essência do projeto **Arte Pública fundação edp** reside no carácter participativo, e poder decisório, das pessoas locais. São elas que dão – as ideias, os pareceres, as decisões; são elas que recebem – o resultado do processo de envolvimento e debate traduzido em obras de arte que ficam para elas, para a sua terra. É como se as suas ideias fossem materializadas e devolvidas. "Projetos como este são muito importantes do ponto de vista da democratização da arte. As pessoas é que decidem."

O Ser, Menau, São Bartolomeu de Messines, 2016.

Sotavento algarvio
Localidades:

ALTE
Loulé

ALPORTEL
São Brás de Alportel

Há um senhor inglês que quase todos os dias passeia com ele. É o burro Baltazar, o burro da terra. Em Alte, assim como em todas as localidades do projeto **Arte Pública fundação edp**, as assembleias prévias ao início da realização das obras de arte servem para isto: para os artistas conversarem com as populações e se inteirarem das personagens, acontecimentos ou histórias que fazem a identidade de cada povoação.

Alte é uma pequena aldeia no Sotavento algarvio, concelho de Loulé, cujo silêncio das horas de almoço de domingo é recortado apenas pelo barulho da água da ribeira a cair, à parte debaixo da encosta, ou pelo tagarelar de um ajuntamento de homens no terraço de um deles a fazerem uma almoçarada. "O critério de seleção de Alte foi o facto de ser conhecida como sendo a aldeia mais típica algarvia", esclarece Nuno Pereira, do LAC. "Em Alportel, por exemplo, foi uma consequência do processo, queríamos que fosse em São Brás de Alportel, mas não foi possível. A câmara sugeriu que fosse criada esta dinâmica em Alportel." Quanto a S. Bartolomeu de Messines foi uma questão de afinidade: uma das colaboradoras do projeto, Carmo, nasceu na localidade.

"Este projeto foi mesmo importante para construir um público, trata-se de comunidades que não têm um contacto continuado com a arte. Há algum artesanato, mas não têm ideia do que é um artista, do que é uma carreira artística. Daí a importância de, a repetir-se o projeto, os artistas poderem vir a ficar mais tempo nos locais", conta Carmo Serpa.

Assembleia comunitária, Alte, 2016.

Visita guiada, Alte, 2016.

Em Alte, há um edifício com as paredes pintadas de onde sobressaem grandes cravos vermelhos e várias palavras de ordem, uma delas um excerto do discurso do capitão Salgueiro Maia aquando da revolução de Abril. Tem escrito na parede "Horta das Artes". Trata-se da associação cultural de Alte, fundada pelo artista Daniel Vieira, que hoje em dia se encontra a viver em Lisboa. Anexados, um pouco acima da escadaria pública que vai dar à rua de cima, estão a sua casa e respetivo quintal com vista para a paisagem desafogada que se abre encosta abaixo.

Já Alportel é a localidade que, das que foram alvo do projeto Arte Pública fundação edp, se encontra mais a este do Algarve, pertence ao concelho de São Brás de Alportel. Alportel está colada à estrada nacional mais icónica de Portugal, a EN 2. O nome alude a portal, porta – de entrada ou de saída do Algarve. E é por isso local de paragem de excursões, autocarros ou grupos de proprietários de carros clássicos, que se refrescam com bebidas junto do café do largo da igreja.

"Também estou ligado ao LAC, acabei por fazer a volta prévia pelo Algarve com as pessoas da produção", conta Xana.

"Vivo em Lagos desde 1984 e havia localidades que não conhecia." Na opinião de Xana, as pessoas estão muito coladas à ideia de verdade. "Não percebem de imediato que a arte é uma comunicação poética e acrescenta novos significados ao que já existe.

Envolvimento comunitário, Vila do Bispo, 2016.

Têm a ideia de que a arte deve ser uma cópia da realidade", conta Xana, um dos artistas que integraram o "WATT? – Um Projeto Artístico para a Comunidade", e que é membro do LAC. "Este projeto é muito interessante por provocar estes confrontos, por fazer as pessoas terem outras ideias, pensarem noutras hipóteses. Parece-me ser o mote principal deste projeto. Provocar este diálogo."

"Acho, no entanto, perigoso estas intervenções serem muitas, tornarem-se invasivas.

Visita guiada, Alte, 2016.

Podem descaracterizar o lugar e as pessoas deixarem de ter espaço para descansar – deixarem de ter um espaço de descanso visual", refere Xana, alertando para a importância de se pensar os projetos de uma forma concertada e aprofundada. E considera que o Arte Pública fundação edp/ "WATT? – Um Projeto Artístico para a Comunidade" foi feliz.

"As pessoas gostam, sentem que a sua aldeia está a acompanhar as novas ideias, um novo tempo. Do género 'isto aqui não se passa nada e vocês vieram trazer qualquer coisa de novo'."

Assembleia comunitária, Alportel, 2016.

Xana (1959)

Conheceu-os estudava Belas-Artes na Universidade de Lisboa. Juntamente com nomes como Fernando Brito, Ivo, Manuel João Vieira, Pedro Portugal e Pedro Proença, Xana foi um dos membros fundadores do movimento artístico de vanguarda dos anos 80 intitulado Homeostética. Entre textos e manifestos teóricos, performances, produção de filmes e de fotografias ou incursões no universo musical, este movimento, que teve direito a uma retrospectiva no Museu de Serralves em 2004, pautava-se pela cisão, desconstrução e crítica do excesso de premissas intelectualizantes associadas aos objetos artísticos e ao mundo da arte em geral. Foi viver para Lagos em 1984, passou por Mafra, onde deu aulas, e por Sintra, e regressou à cidade algarvia onde, a propósito da Lisboa Capital Europeia de Cultura em 1994, em que necessitava de um *atelier* de grandes dimensões para poder trabalhar as obras de grande escala que iria apresentar, a câmara lhe cedeu as instalações da antiga cadeia da cidade. E assim se deu início ao processo de fundação do LAC - Laboratório de Atividades Criativas, o coletivo organizador do **Arte Pública fundação edp** no Algarve, do qual é membro da direção. A convite da professora Miriam Tavares foi fundador e é coordenador do curso de Artes Visuais na Universidade do Algarve.

Susana Gaudêncio (1977)

Doutoranda pela Universidade de Lisboa com a tese *O Impulso Utópico na Prática da Arte Contemporânea,* Susana Gaudêncio é professora de mestrado em Artes Plásticas na ESAD das Caldas da Rainha. Já expôs na Fundação Calouste Gulbenkian, no Museu da Eletricidade ou na ISE Cultural Foundation, em Nova Iorque.

Menau (1984)

Nascido e criado em Quarteira, Élsio Menau é fundador do coletivo de artistas Policromia, criado em 2001. Com formação profissional em Design e Comunicação, Menau é licenciado em Artes Visuais pela Universidade do Algarve e o seu trabalho diversifica-se por formatos como instalação, pintura, desenho e intervenção no espaço público.

Mariana, a Miserável (1986)

Vive entre Lisboa e o Porto mas é de Leiria. "Miserável" personifica a "ilustradora não premiada que tem de sustentar um gato com gostos caros". Licenciada em Design Gráfico pela ESAD das Caldas da Rainha, Mariana Santos integra tanto o sentido de humor como a fantasia no seu trabalho e tem participado em exposições coletivas e a solo.

Tiago Batista (1967)

Tiago Batista, na foto, à esquerda.

É professor de Desenho, Tecnologia da Imagem Digital, Laboratório de Artes Visuais, Arte e Tecnologia na Universidade do Algarve. É doutorado em Comunicação, Cultura e Artes, com uma tese em desenho por algoritmos. Formou recentemente a associação 289, o indicativo dos telefones no Algarve, que se pretende um espaço expositivo de artes visuais em Faro.

Padure (1985)

Artista visual ligado às áreas da ilustração, pintura e *street art,* Daniel Padure mudou-se para Portugal em 2008, depois de terminar os estudos em Artes em Timisoara, Roménia. O universo de Padure pauta-se por, nas palavras do próprio, "uma viagem de autodescoberta e fantasia gráfica", em que o recurso ao humor é recorrente.

Jorge Pereira (1974)

Concluiu o curso superior de Escultura pela ARCA, Coimbra, em 1998. Desenvolve trabalhos cénicos para diversos grupos de teatro e dança. Entre 2003 e 2007, colaborou com a Amalgama Companhia de Dança, na área do *design* gráfico e vídeo. Em 2007, fez ilustrações para o livro infantil *Malaquias,* em parceria com a escritora Cristina Taquelim. Atualmente, é artista residente e membro da direção do LAC – Laboratório de Atividades Criativas.

1

S/Título

Autoria:
Jorge Pereira

Fracking. Petições várias, artigos na imprensa e reportagens na televisão acerca do assunto, mobilização nas redes sociais. *Fracking* ou fraturamento hidráulico é um método que possibilita a extração de combustíveis líquidos e gasosos do subsolo. Segundo as últimas notícias, a perfuração no mar que banha as costas algarvia e vicentina vai mesmo avançar, apesar da polémica e forte oposição por parte de ambientalistas e das populações locais.

Na primeira assembleia em Vila do Bispo, foi o tema aprovado para ser trabalhado em termos artísticos pelo Arte Pública fundação edp. As instituições públicas não autorizaram o uso de paredes públicas, Jorge Pereira acabou por utilizar as do posto de transformação da EDP Distribuição. Nuno Pereira, do LAC – Laboratório de Atividades Criativas, que fez a produção do projeto no terreno, serviu de modelo ao marisqueiro representado na imagem.

A técnica é *stencil*, que toda ela tem um processo: Jorge Pereira tirou uma fotografia a Nuno Pereira na posição em que está o marisqueiro, debruçado, como se estivesse a apanhar percebes. E essa fotografia foi depois projetada na parede através de um retroprojetor, que a ampliou.

Quando chegamos a Vila do Bispo vindos de Lagos, a obra encontra-se logo à entrada, junto a uma bifurcação. Há um pequeno largo empedrado em frente, que tem uma fonte de água, com uns bancos de pedra à volta. À chegada, o contraste entre o azul-céu intenso e o preto da parte inferior da imagem é muito forte. O marisqueiro, de impermeável amarelo-torrado, tem um instrumento na mão – uma arrilhada, usada para descolar os crustáceos da rocha. E encontra-se numa posição vergada, a arrancar percebes de rochas cinzentas, inundadas pelo preto do petróleo. Encostada ao edifício está uma caixa de eletricidade que tem colado o triângulo amarelo de perigo. Esse triângulo amarelo de perigo acabou por acrescentar uma camada de interpretação à obra.

"Em Vila do Bispo, falou-se sempre da polémica da exploração petrolífera ao largo do Algarve e da Costa Vicentina, daí ter escolhido representar um mariscador", conta o autor, Jorge Pereira. "E faz referência à tradição local, uma vez que é uma das profissões que está em risco e que é a base da economia local. É muito bom as pessoas manifestarem-se, a nível local." Foi uma assembleia muito participada.

S/Título, Jorge Pereira, Vila do Bispo, 2016.

FREGUESIA Concelho:
VILA DO BISPO
Vila do Bispo

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, Rua das Escadinhas

GPS:
Latitude 37.082685
Longitude -8.907644

S/Título (detalhe), Jorge Pereira, Vila do Bispo, 2016.

Eu acho que esta iniciativa é muito boa. Traz vantagens tanto para a comunidade como, a nível turístico, é mais uma atração. Deviam criar até mais, de forma a valorizar a cultura e as tradições de Vila do Bispo. E há que alertar sobretudo a população para os riscos da exploração de petróleo. É contraproducente. Agora que somos Parque Natural e começámos a ter uma valorização turística da zona, vem o petróleo deitar esse sacrifício por água abaixo?

Fernando Gonçalves, 30 anos, gerente de turismo rural.

2

Migrações

Autoria:
Mariana, a Miserável

O silêncio das tardes de sol de domingo no largo de uma pequena povoação costuma ser apenas cortado pela passagem da brisa pelas folhas das árvores e pelo ajuntamento de duas ou três pessoas que se sentam nos bancos para conversarem um pouco. Em Barão de São João não é diferente. No Largo da Ceifeira, à Rua 25 de Abril, algumas senhoras de mais de 60 anos põem os assuntos em dia, novidades da terra, notícias da televisão, ou distraem-se simplesmente a passar o tempo. É uma hora sagrada de descanso, numa tarde de domingo soalheira. Num banco ao lado, uma jovem estrangeira está a ler um livro. Por trás dela, há um muro branco, de uma casa particular. Nesse muro, estão pintados uns pássaros grandes, balofos, afáveis, que levam pessoas pequeninas no dorso, de roupagens coloridas – a contrastar com o branco desses pássaros sonhadores, que têm apenas alguns traços pretos e azul-violeta a defini-los.

A ideia de viagem nesta intervenção do Arte Pública de Mariana, a Miserável não é inocente. Na primeira assembleia que o projeto Arte Pública fundação edp promoveu junto da população, as migrações eram um tema óbvio de abordar, uma vez que esta povoação do concelho de Lagos – que não se assume tão ligada ao mar, mas mais à terra – é um local muito peculiar de passagem de pessoas de diversas nacionalidades, que por ali param, ficam temporadas ou simplesmente se mudaram para a aldeia. As esplanadas dos cafés estão repletas de estrangeiros e parte dos que ali vivem formam uma comunidade artística com uma dinâmica própria. E convivem naturalmente com os nativos, os portugueses, a maioria de faixas etárias mais velhas.

Migrações, Mariana, a Miserável, Barão de São João, 2016.

"Não pinto muito na rua. Isto é um processo especial", refere Mariana Santos, *aka* Mariana, a Miserável, enfatizando o facto de tratar-se de comunidades que não têm uma cultura visual. "Gosto muito de desenhar pessoas e ali ficou claro que iria desenhar pessoas em cima dos pássaros." Esteve a pintar o muro em julho, de 2016, e as temperaturas de verão são sempre elevadas na rua, a ponto de se optar por trabalhar logo pela manhã, parar nas horas de maior calor e retomar mais pela fresca até à noite.

"Durante os três dias em que estive a pintar, havia sempre pessoas que me levavam água, algumas têm cafés na aldeia. Havia uma senhora que ia sentar-se todos os dias ao meu lado. Não parece, mas é a rua principal. E tem um painel de azulejos com uns poemas. Uma vez a senhora virou-se para mim e disse 'isto foi escrito por mim'", conta Mariana Santos. "Acabei por receber imensos elogios. E comecei a perceber o impacto que aquilo ia ter na vida daquelas pessoas. É muito importante ter uma visão de fora. Acho que o desenho se adaptou bem."

As árvores do Largo da Ceifeira são jacarandás. Quando as flores azul-violeta brotam da ramagem, percebemos a subtileza inerente ao trabalho de Mariana, a Miserável mas também a plenitude da harmonia desta intervenção neste local. Os traços dos pássaros sonhadores, que são azul-violeta, foram roubados às flores dos jacarandás.

Migrações, Mariana, a Miserável, Barão de São João, 2016.

FREGUESIA Concelho:
BARÃO DE SÃO JOÃO
Lagos

Localização:
Largo da Rua 25 de Abril

GPS:
Latitude 37.138311
Longitude -8.77698

Migrações (detalhe), Mariana, a Miserável, Barão de São João, 2016.

A arte pública tem de fascinante o facto de não ser permanente. O* ethos *deste tipo de trabalho artístico é: está lá para ser visto, mas se não for... Vivo em Portugal há 20 anos, nesta aldeia há quatro. Este projeto traz um interesse para a terra. As migrações são muito relevantes aqui, vêm muitos estrangeiros, os locais partem para procurarem trabalho, os filhos crescem e vão viver para outros pontos da Europa. O Arte Pública fundação edp é interessante porque cria redes.

Nina Bradley, 64 anos, guia local.

3

S/Título

Autoria:
Jorge Pereira

É o quarto domingo do mês. No descampado de terra que existe junto ao Polidesportivo de Barão de São João, começam a amontoar-se carrinhas e autocaravanas, as pessoas montam bancadas em frente dos seus veículos, desdobram cadeiras, apanham um pouco de sol a beber uma cerveja com os vizinhos antes de retomarem os preparativos. Trata-se da Feira de Velharias que ocorre mensalmente no local e atrai nómadas, feirantes ou curiosos para venderem os seus artefactos, de comida a utensílios, a bijuteria. As matrículas dos carros são desde a Grã-Bretanha a França, Alemanha ou Espanha.

S/Título, Jorge Pereira, Barão de São João, 2016.

Barão de São João é um povoado muito peculiar, é um local por onde passam muitos estrangeiros, uns de passagem, outros ficam alojados durante um período, outros ainda decidem mudar-se e ficar a viver na aldeia. E há inclusive uma comunidade artística que organiza um festival anual de arte.

Na parede do polidesportivo, está pintada a obra de Jorge Pereira, a fazer de cenário a todo este *happening*. Sobre um amarelo-tórrido – tórrido de sol de verão, tórrido de searas de trigo no estio –, está desenhada uma autocaravana *vintage*, vermelha e branca. Vai na direção de umas tabuletas, que indicam os nomes de várias cidades do mundo, de Viana do Castelo a Quioto. Para enquadramento, uma barra verde a toda a volta. No chão, junto à parede, crescem umas ervas daninhas da cor da barra e é como se a natureza viesse participar da obra, tornando-a mais autêntica, dando-lhe uma sensação de pertença ao local.

"Em Barão de São João, falou-se da afluência de viajantes que por ali passam e vão deixando as suas marcas na terra", explica Jorge Pereira.

"Neste caso, a parede situa-se num descampado onde habitam muitos destes nómadas. A comunidade nómada caracteriza-se pelo constante movimento, a autocaravana é um símbolo dessa atividade."

Atrás da parede, o polidesportivo inclui um parque de *skate*, encontram-se lá alguns *skates* abandonados por instantes, as crianças brincam e circulam livremente por toda a área. "É muito importante que a comunidade se envolva, só assim sentirá que a obra também lhe pertence", refere Jorge Pereira, acrescentando que já voltou aos locais onde fez as suas intervenções a solo – Barão de São João e Vila do Bispo – e as obras "continuam intactas".

S/Título, Jorge Pereira, Barão de São João, 2016.

S/Título, Jorge Pereira, Barão de São João, 2016.

FREGUESIA Concelho:
BARÃO DE SÃO JOÃO
Lagos

Localização:
Polidesportivo de
Barão de São João
Estrada Municipal 535-1

GPS:
Latitude 37.138553
Longitude -8.772366

S/Título (detalhe), Jorge Pereira, Barão de São João, 2016.

Em 2012, um grupo de artistas de Barão de São João começou a realizar uma exposição de rua. Todos os verões decorávamos a nossa aldeia com arte, sempre com uma grande festa de inauguração. Era também uma forma de atrair mais pessoas. Foi interessante ter havido artistas ligados ao Arte Pública fundação edp a pintar em muros. Ainda chegámos a pensar fazer uma inauguração conjunta, mas, por uma questão de indisponibilidade de alguém, acabou por não ser possível. A street art é muito importante, as paredes passam a estar pintadas. E é um pouco diferente da das grandes cidades.

Eva Herre, 62 anos, artista.

4

Watching You

Autoria:
Xana

Platibanda: elemento horizontal de remate da parte superior da casa, cuja função principal é permitir o escoamento da água das chuvas. Platibandas algarvias: ornamentadas, expressão de embelezamento da casa que, para lá da sua função, exibe as possibilidades económicas do seu proprietário; revelam uma relação feliz entre a forma, as cores – amarelo-ocre, azul-cobalto, almagre ou verde – e os motivos representados – rendilhados, floreados, relevos, geométricos, figurativos (*in* museusdoalgarve.wordpress.com).

"As platibandas do Barlavento algarvio são mais austeras, as do Sotavento têm mais arabescos, são mais influenciadas pelo Norte da África árabe", refere Xana.

"Depois de dar uma volta pelo Algarve, percebi que na assembleia ia propor às pessoas uma ideia. Tinha-me apercebido de que as platibandas eram algo muito rico." Xana percebeu também que, perante a necessidade de restauro, há a tentação das populações em pintar as platibandas todas de branco, forrá-las a azulejo ou até mesmo rebocá-las, uma vez que sai mais barato. Xana quis que a população tivesse noção do problema.

"Na segunda assembleia, expliquei que tinha feito um levantamento das platibandas, das molduras das janelas e das faixas", conta.

"Havia um edifício que tinha uma moldura das janelas muito original, edifício esse que fazia parte da história de Mexilhoeira Grande. Destacava-se. Decidi fazer na fachada lateral da junta de freguesia uma reformulação daquela moldura, com a introdução de duas bolas, para não ser só o elemento decorativo. São uma espécie de dois olhos."

Mexilhoeira Grande e Figueira foram anexadas. Os olhos estão cada um a olhar para cada uma das localidades.

"Ao mesmo tempo, criou-se uma espécie de boneco, a cara de um ser estranho, como se estivesse a mirar e a tomar conta daquela freguesia." Assim que Xana mostrou e explicou a maquete do que iria fazer, as pessoas reagiram de imediato: "Disseram: 'Isso é perfeito! O sítio que destacou para fazer a intervenção era a sede da antiga junta de freguesia!' Foi quase um milagre, criou logo empatia."

Se olharmos de frente para a parede intervencionada por Xana, há uma árvore que no inverno está descarnada de folhas e os troncos nus têm a dimensão certa, mais passo à frente mais passo atrás, para preencher o miolo branco formado pela moldura da platibanda. Os olhos – os círculos negros – estão colados cada um às extremidades das linhas geométricas. As linhas, que recortam a fachada, estão adornadas de quadrados, geometrias que são recorrentes no trabalho de Xana. O azul-água é o azul usado na arquitetura algarvia. Os troncos das árvores vêm conferir densidade, plasticidade, ao "boneco", como acontece com os bonecos de neve quando lhes colocamos ramos nas mãos, cenouras na cara e nozes no corpo a fazer de botões.

"Sendo mais abstrato e geométrico, cria-se afinidade. Vai para lá do discurso verbal. As pessoas são muito genuínas."

Watching You, Xana, Mexilhoeira Grande, 2016.

FREGUESIA Concelho:
MEXILHOEIRA GRANDE
Portimão

Localização:
Bairro do Figueiral
Velho

GPS:
Latitude 37.161095
Longitude -8.614514

Watching You, Xana, Mexilhoeira Grande, 2016.

Aquilo que achei muito interessante foi o facto de trazer a arte para dentro das vilas e fazer uma ponte com as populações. É pela arte que conseguimos sensibilizar as pessoas e trazer outros valores. Por exemplo, nós aqui estamos muito ativos na luta contra a exploração do petróleo. E vimos uma oportunidade para alertar, para chegar a mais pessoas, e podermos mostrar o que pode estar em causa. Há uma geração nova que continua essa tradição de mariscador, não é só para ganhar dinheiro.

Ana Carla Cabrita, 44 anos, guia local.

5

Criaturas do Mar

Autoria:
Padure

Junto ao aglomerado de contentores do lixo na rua onde fica situada a sede da antiga Junta de Freguesia da Mexilhoeira Grande, onde há uma intervenção de Xana numa parede, o cheiro a dejetos de marisco é intenso. Continuando pela estrada e virando à direita, chega-se à rua do cemitério. À esquerda, há um posto de transformação da EDP Distribuição; atrás, uma rua da qual se destaca o toldo de uma petisqueira, A Oficina. Na parede lateral do posto de transformação, está pintado um grande lagostim azul; na frontal, um grande polvo azul. Azul? Azul de mar.

De cima do andaime, Padure via o mar enquanto pintava. Estava muito calor e as pessoas passavam a perguntar-lhe se precisava de alguma coisa. Na assembleia prévia, a população estava mais inclinada para desenhos de símbolos tradicionais da zona, mas desentendiam-se quanto à escolha. Uns queriam uma guitarra alusiva ao fado, uma fadista tinha nascido lá; outros diziam que isso não fazia sentido, que o instrumento mais popular é o acordeão. À falta de entendimento, optou-se pelo marisco. Mexilhoeira Grande tem uma ligação forte com a ria do Alvor e com a pesca.

"A minha linguagem é muito *cartoonish*, de desenhos animados. Na Mexilhoeira Grande estava a tentar fazer algo que a comunidade pudesse entender. Por isso, em espaços públicos, faço algo mais decorativo, que as pessoas possam compreender", diz Padure, referindo que o seu trabalho costuma ser mais estilizado, que aborda temáticas ligadas ao questionamento da comunicação que existe hoje em dia. Normalmente, nem usa cor. "Este tipo de expressão pode tirar um sorriso a quem está a passar." O lagostim e o polvo têm os olhos grandes e redondos, denotam uma expressão de felicidade. As patas de um e os tentáculos do outro estão numa posição ao alto como se estivessem a dançar, a sugerir um convite à festa.

Do fundo da rua, aproxima-se um rapaz pela casa dos 20, de bicicleta, de *hoodie*, aquelas *sweaters* de algodão com capuz, e calças de ganga. A aparência é a de um jovem ligado a uma tribo de arte urbana, que a qualquer momento podia sacar de uma lata de tinta em *spray* e começar a pintar numa parede.

Criaturas do Mar (detalhe), Padure, Mexilhoeira Grande, 2016.

Na rua, à semelhança de todas as outras localidades com intervenções do **Arte Pública fundação edp**, vê-se pouca gente ou ninguém. O silêncio é cortado pela brisa a pentear as ramagens das árvores. Neste cenário, aquelas duas criaturas do mar – o polvo e o lagostim, em versão desenho animado gigante – ganham uma dimensão ainda mais *naïf*, como intrusos que chegaram a uma terra estrangeira e se atreveram a ficar. E os locais, mesmo sem entenderem nem saberem explicar bem porquê, acolhem aquelas duas criaturas do mar na sua paisagem.

Criaturas do Mar, Padure, Mexilhoeira Grande, 2016.

FREGUESIA Concelho:
MEXILHOEIRA GRANDE
Portimão

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, Rua Francisco Bívar

GPS:
Latitude 37.160486
Longitude -8.613256

Criaturas do Mar (detalhe), Padure, Mexilhoeira Grande, 2016.

É novo para mim, não reparei quando estavam a pintar. É uma boa maneira de decorar algo, no caso o posto da EDP Distribuição. Desta maneira, a rua fica mais bonita. Os desenhos, um polvo e um lagostim? Têm que ver com a região, temos muitos mariscos.

André Pires, 21 anos.

6

S/Título

Autoria coletiva:
Jorge Pereira
Mariana, a Miserável
Padure
Xana

A intervenção coletiva de Jorge Pereira, Mariana, a Miserável, Padure e Xana começou por estar prevista para Vila do Bispo, mas acabou por se mudar para Figueira, concelho de Portimão. Aqui, tinham um posto de transformação da EDP Distribuição à saída da aldeia para intervir e escolheram o tema da energia para retratar.

S/Título (detalhe), vários autores, Figueira, 2016.

O posto de transformação fica junto de um baldio, duas das paredes são de difícil acesso. "Não foi fácil montar os andaimes, por causa dos cabos elétricos e das silvas à volta. E havia abelhas", conta Padure. "Eles ajudaram-me imenso", explica Mariana, a Miserável.

"Eu sou uma florzinha de estufa, não estou habituada a fugir à polícia, esse tipo de coisas. E odeio vespas!" A face da parede pintada por Mariana Santos tem um homem em cima de um escadote, ombros largos, a segurar uma lâmpada na mão direita. Está a alcançar as estrelas. "A temática era a da energia, da EDP, da luz. Peguei no tema não tanto como eletricidade, mas mais como energia. O homem está a olhar para as estrelas, está à procura de outro tipo de energia. Queria algo mais metafórico, energia que vem de dentro – outro tipo de luz."

Os dias de calor que se fizeram sentir quando pintavam também não facilitaram a tarefa. Na face pintada por Padure, podemos ver um grande gelado, de olhos felizes e sorriso rasgado; mas, ao olharmos de forma mais atenta, percebemos que o gelado não tem uma bola de creme, mas antes um cato. "Não costumo usar cores no meu trabalho, mas junto ao posto de transformação era tudo tão verde que usei cor", refere ainda Padure.

"A minha participação surge após uma pequena reunião junto do posto de transformação em que os artistas iriam intervir. Houve unanimidade em representar algo relacionado com a própria energia", explana Jorge Pereira. "Nesse sentido, e em coerência com a estética das minhas obras, representei uma crítica social: a oitava fase da privatização da EDP."

S/Título (detalhe), vários autores, Figueira, 2016.

Por cima do interruptor e nas quatro esquinas do edifício, há bolas amarelas a darem homogeneidade a todo o projeto. São traços do trabalho de Xana, que teve também uma das paredes a seu cargo. "Usei um elemento de união, para criar dinâmica, a energia como movimento das bolas. E acabei por fazer uma garatuja, meio oriental", conta Xana, explicando que, para pintar a sua parede, apenas conseguia fazê-lo usando uma escada. Teve de desenhar tudo a partir de um ponto. "Esta obra acaba por ser uma história aos quadradinhos, com umas bolas a unir."

FREGUESIA Concelho:
FIGUEIRA Portimão

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, Rua Principal

GPS:
Latitude 37.165716
Longitude -8.607439

S/Título (detalhe), vários autores, Figueira, 2016.

Vivo em Figueira desde os 10 anos de idade. Gosto muito, já tinha reparado nas pinturas. Um dos lados tem um senhor em cima de umas escadas e umas estrelas – parece que as quer apanhar. Ali no outro lado parecem-me caracteres chineses.
Maria das Dores, 73 anos, reformada.

7

Mural Comunitário

Autoria:
Comunidade, (des)orientada por Xana

Quem passa à Estrada Nacional 125, que liga Mexilhoeira Grande a Figueira, vê, em grande destaque, três palavras, na faixa superior da parede: "arte", "liberdade" e "livre". É a parede do parque desportivo de Figueira, na qual se fez um mural comunitário. Estas palavras são recorrentes no trabalho de Xana. Escreveu duas delas na sua intervenção, a solo, em São Bartolomeu de Messines. Trouxe-as de lá. Assim como Jorge Pereira trouxe a sua autocaravana *vintage* do seu mural em Barão de S. João e recriou-a, aqui, em tons de azul. À frente da autocaravana, como que a emergir do solo, há vários jacarés de boca aberta, só com a cabeça de fora. A toda a largura da parede, há bolas vermelhas – outra das marcas de Xana. São filas e colunas de bolas vermelhas.

"Fizemos o convite à população, quem quisesse poderia participar, pegar em latas de tinta e dar asas à imaginação. Acabámos por compor os participantes com a comunidade LAC – Laboratório de Atividades Criativas", a associação que fez a produção no terreno do Arte Pública a sul do País, refere Nuno Pereira. O diretor do LAC conta que no fim apareceram alguns miúdos e fizeram uns quantos apontamentos. "Penso que foi o receio de errar que inibiu as pessoas. Por isso, vieram mais como espetadores."

"Eu apenas criei o mote, com a frase 'arte liberdade livre'", conta Xana. "A arte como espaço de liberdade, para as pessoas se sentirem à vontade. É uma adaptação de um poema de um poeta do Algarve, o Ramos Rosa: *Poesia, liberdade livre*. É uma espécie de manifesto, define a sua poética como a liberdade livre, não a dos políticos, mas a que não tem barreiras", continua. "E eu faço essa transposição, que é a melhor definição de arte, para mim. A arte passa a sua conceção de mundo. Mesmo que utópica, é um projeto de sociedade. No meu caso, o meu trabalho é festivo. Apresentar uma alternativa à sociedade interessa-me mais do que mostrar o seu lado negativo."

Mural Comunitário, comunidade/Xana, Figueira, 2016.

Numa tarde de sábado, adolescentes dão uns toques de bola no ringue do parque desportivo. Na manhã da pintura do mural comunitário, Xana tinha dado um *workshop* a explicar o processo do *stencil*. "Houve um almoço comunitário, com carne na grelha, e à tarde desenhou-se a parede", acrescenta Nuno Pereira.

Mural Comunitário, comunidade/Xana, Figueira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
FIGUEIRA Portimão

Localização:
Rua Calçada da Fonte

GPS:
Latitude 37.160094
Longitude: -8.602441

Mural Comunitário (detalhe), comunidade/Xana, Figueira, 2016.

Não me apercebi quando pintaram o mural. De repente, vi pintado. Se tivesse participado? Teria feito uns budas marados, com bué desenhos. Era bom que este tipo de iniciativas se abrissem mais, é importante dar uma corzinha às paredes brancas.

Telmo, 18 anos, estudante.

8

Senhora das laranjas

Autoria:
Mariana, a Miserável

As folhas não são verdes, mas azuis. Numa parede do Mercado da Figueira, lateral ao largo da igreja, uma senhora forte, de lenço e saia azuis – da cor das folhas – carrega nove laranjas às costas que são maiores do que ela. Muito maiores. E houve pessoas da localidade a abordarem Mariana, a Miserável a dizer-lhe isso mesmo: as folhas são verdes. Como se houvesse um engano, uma falha de sentido naquela imagem.

"Vou à procura de símbolos. Decidi fazer um desenho propositadamente para ali, decidi logo que ia ser uma senhora do campo a carregar laranjas", explica Mariana Santos, *aka* Mariana, a Miserável. Durante a assembleia comunitária promovida para debater temáticas para as intervenções do **Arte Pública** a ocorrerem em Figueira, a associação organizadora LAC – Laboratório de Atividades Criativas e os artistas aperceberam-se de que em todas as Quartas-Feiras de Cinzas se fazia, em tempos, um mercado exclusivo de laranjas no edifício. E Mariana tinha a ideia de fazer algo com a laranja do Algarve, considerada a melhor laranja do País. O que provoca uma certa ironia, observando a carga das laranjas duas vezes maiores do que a senhora, que se revelam um fardo. Bem pesado. Uma espécie de homenagem a todo o trabalho e esforço inerentes a qualquer trabalho manual, a qualquer produto que dele resulte.

À frente do mercado, todo recuperado, pintado de branco, estão uma série de contentores de reciclagem embutidos no chão. O largo da igreja está cuidado. Vista de longe, por cima da pintura vê-se um poste de alta tensão e os respetivos fios, como se fosse uma antena, a completar o enquadramento.

"As pessoas da Figueira aderiram de imediato à ideia", conta Mariana. "O mercado está muito cuidadinho. E fica perto de uma igreja. No dia em que estava a acabar o trabalho, havia um rancho no largo e as roupas eram muito parecidas com as da senhora que pintei na parede. Fez tudo muito sentido."

Quando começou a pintar, começou pela senhora, que estava em posição estranha, agachada. "Não perceberam logo, mas depois recebi muitos elogios."

Senhora das laranjas, Mariana, a Miserável, Figueira, 2016.

A delicadeza e a fantasia transversais ao trabalho de Mariana, a Miserável revelam-se em pormenores como um adorno muito fino da meia da senhora-boneca rematado por um pequeno berloque em forma de flor, a perna carnuda e grossa a contrastar com o pé muito pequenino. A janela redonda que há na parede está colada às laranjas. Mariana Santos desenhou-as mesmo ao lado, como se aquele círculo fosse um buraco de onde poderiam estar a cair laranjas indefinidamente para cima do dorso da mulher. Poderia ser também um soprador de bolas de sabão em forma de laranja. A senhora curvada pelo fardo dos citrinos representa uma alegoria ao mito de Sísifo, o que ficou condenado a subir a montanha com uma pedra às costas.

Senhora das laranjas, Mariana, a Miserável, Figueira, 2016.

FREGUESIA Concelho:
FIGUEIRA Portimão

Localização:
Mercado da Figueira, Rua 25 de Abril

GPS:
Latitude 37.164136
Longitude -8.601677

Senhora das laranjas, Mariana, a Miserável, Figueira, 2016.

Reparámos quando estava feito, dá outra vista à terra, mostra uma vila mais moderna. Estou dentro da cena do street art, temos um tag, mas não faço nada cá, porque toda a gente se conhece.

Iuri, 18 anos, estudante.

9

Mural Comunitário

Autoria:
Alunos da Escola EB 2, 3 João de Deus, orientados por Xana

"Não gastem a tinta! Não desperdicem!", tínhamos de dizer aos miúdos, tal era o entusiasmo deles. Deliraram com os *sprays* e os *stencils*", conta Carmo Serpa, do LAC – Laboratório de Atividades Criativas. Na Escola EB 2, 3 João de Deus, em São Bartolomeu de Messines, as crianças procederam à pintura da parede do posto de transformação da EDP Distribuição que fica ao lado da escola, num sábado de manhã. Na sexta-feira anterior, houve uma aula de desenho especial.

Mural Comunitário, alunos da Escola João de Deus / Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

"Tratou-se de um contacto direto com os miúdos da escola de Messines que foi muito interessante. Foram dois dias. No primeiro, fizemos uns desenhos, no segundo, fomos executar", conta Xana, artista com uma intervenção em nome próprio num outro posto de transformação de energia, junto à sede da Sociedade Columbófila de Messines.

Na aula de sexta-feira, foi explicada às crianças a técnica do *stencil*, um método usado para aplicar um desenho, uma ilustração ou um símbolo através de um molde recortado que se encosta à parede e se pulveriza com tinta, normalmente em *spray*. Os alunos testaram os resultados da aula nas paredes da escola. No dia seguinte, iriam fazer o mural, deixar a sua marca no projeto artístico do circuito "WATT? – Um Projeto Artístico para a Comunidade" / Arte Pública fundação edp.

"Eles sentiam que estavam a participar numa coisa espetacular. Vieram até outros miúdos invejar e perguntavam: 'Onde é que podemos comprar latas?'", conta Xana. "Acho que esta vertente deve ser explorada." Por cima da porta cinzento-clara do posto de transformação, foram feitos a *stencil* dois chapéus de chuva, sem cabo, um verde e um cor-de-rosa, como se dotassem a porta de resguardo. Pintaram duas vezes o mapa do Algarve com o Barlavento destacado, um na horizontal e outro na vertical. Há ainda uns motivos geométricos – influência de Xana? – e uma borboleta azul e verde. E as letras "m", "a", "r", para formarem a palavra "mar". As preocupações ambientais que se têm manifestado na zona por causa da prospeção de petróleo na costa algarvia e vicentina também não foram esquecidas: foram representadas através de um *stencil* de uma chaminé que faz poluição.

Mural Comunitário (detalhe), alunos da Escola João de Deus / Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

FREGUESIA Concelho:
SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES Silves

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, Esc. EB 2, 3 João de Deus

GPS:
Latitude 37.256772
Longitude -8.289134

Mural Comunitário (detalhe), alunos da Escola João de Deus / Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

A empresa Teófilo começou a crescer, a gerar emprego, e Messines começou a crescer também, na primeira metade do século passado. Por causa da Teófilo e dos caminhos de ferro. O presidente da junta, o João Carlos Correia, é muito recetivo a qualquer iniciativa.

Carmo Serpa, 39 anos, produção LAC, nascida em São Bartolomeu de Messines.

10

O Ser

Autoria:
Menau

Em São Bartolomeu de Messines, há uma figura icónica chamada o Remexido, cujo nome saltou de imediato na primeira assembleia promovida na vila. Menau gostou da ideia de retratar José de Sousa Reis, um capitão que casou em São Bartolomeu de Messines e, aquando das guerras liberais entre miguelistas e pedristas, no século XVIII, defendeu a causa absolutista, que depois de derrotada o fez tornar-se num foragido, escondendo-se na serra algarvia e procedendo a saques e a matanças em diversas povoações. Acabou fuzilado em Faro em 1838.

Menau tinha como parede para intervir a empena do edifício que alberga a Sociedade de Columbófila de São Bartolomeu de Messines e propôs à direção o retrato do Remexido. Mas figuras com armas e associações que se centram na arte de treinar pombos-correio, que aos fins de semana juntam os associados para participarem com os seus pombos em corridas – não sabíamos, mas o desporto da columbofilia é o segundo mais praticado em Portugal –, não batiam certo. E, por isso, a associação vetou a proposta e sugeriu algo que tivesse que ver com paz e liberdade.

"*O Ser* é a representação da alegria, da paz, do amor e da felicidade, tudo o que nós humanos devíamos ter", explica Menau. "Mais do que palavras, necessitamos de energia, de sentimentos, de cor, de arte. No fundo, está tudo na frase: 'A felicidade multiplica-se quando se divide.'"

"Nas assembleias, mais do que ideias, o que tentei apanhar foi energias, sentimentos que a comunidade de alguma forma me passava. Foi isso que representei nas minhas obras." Na empena, vemos desenhado um boneco, que podia ser um astronauta, com um capacete transparente colocado na cabeça, a cara cor-de-rosa. Trata-se de uma alusão à nossa condição de sonhadores. O fato, uma mancha colorida de verdes, roxos, laranjas, faz lembrar os chamados azulejos hidráulicos, típicos da azulejaria portuguesa, mas numa tonalidade *pop*. A parede serve também para fazer escalada, tem pequenos suportes cravados a toda a altura. Esses suportes servem a história. São como estrelas que ajudam ao imaginário de "alegria, paz, amor e felicidade" veiculado por Menau. Os braços do astronauta-sonhador estão em posição de voo. À frente, um pequeno pombo preto. O astronauta-sonhador segue-o. Este é o Principezinho de Menau que, à semelhança de Saint-Exupéry, criou a sua própria personagem de inocência, icónica, bem-apessoada. Como se diz no livro, "o verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá mais se tem."

A sede da Sociedade Columbófila de São Bartolomeu de Messines fica no mesmo quarteirão que a Casa do Povo, que tem uma creche/ jardim de infância, um pavilhão e até um *hostel*, que albergou os artistas durante o tempo em que estiveram a trabalhar nas suas obras na vila.

Nas palavras de Menau, "estas obras vêm trazer novos diálogos a estas comunidades mais rurais, novos olhares sobre o mundo, novos questionamentos. E, acima de tudo, trazem uma abertura a novos públicos."

O Ser, Menau, São Bartolomeu de Messines, 2016.

FREGUESIA Concelho:
SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES Silves

Localização:
Soc. Columbófila de São Bartolomeu de Messines, R. José Francisco Viseu

GPS:
Latitude 37.257945
Longitude -8.291534

O Ser, Menau, São Bartolomeu de Messines, 2016.

Aqui na sede da Sociedade Columbófila de São Bartolomeu de Messines tínhamos esta empena e colocámo-la à disposição para se fazer uma pintura. Queriam fazer o Remexido, com uma pistola, mas não gostámos da ideia. Queríamos qualquer coisa a ver com liberdade, com pombos à solta, com alegria. Queríamos passar uma mensagem de paz.

Vasco Luz, 49 anos, presidente da Sociedade Columbófila de São Bartolomeu de Messines.

11

Martírio

Autoria:
Tiago Batista

Mas como é que se percebe que é um santo? Perguntou uma senhora na assembleia em que os artistas apresentaram as ideias que iam colocar em prática nas diversas paredes de São Bartolomeu de Messines. A questão foi tão pertinente que Tiago Batista acrescentou uma auréola a uma das figuras. A sua obra do **Arte Pública** ia ser pintada na empena de um prédio no centro da vila e acabou por colocar em confronto as cabeças, esfoladas, de um santo e de um homem, cabeças essas que apresentam as suas próprias metástases: o homem com uma cabeça dúplice, em espelho, e o santo com uma pequena replicação a emergir atrás de si no canto inferior esquerdo da parede, a indiciar o homem que o santo começou por ser.

"São Bartolomeu é um mártir que foi esfolado, toda a gente na terra conhece a história. Segundo li, nas terras da Rússia", refere Tiago Batista. "Aparece na Capela Sistina, pintado por Michelangelo, e está sentado numa nuvem, a segurar numa mão a própria pele e na outra uma faca. Defende-se que Michelangelo se estava a autorretratar." Tiago Batista sempre gostou do conceito de "esfolado". "Há inclusive o esfolado, uma figura humana sem pele, que se usava para as pessoas aprenderem a desenhar os músculos, no século XIX."

As cabeças de Tiago também não têm pele, mostram os músculos, mas são atravessadas por elementos de contemporaneidade – uns bisturis e uma grelha de quadriculado transparente. "Na assembleia, muito participada, a senhora que levantou a questão do santo não queria bisturis, queria facas de talhante", conta o artista. "Eu disse que isso assim ia parecer um filme de terror. E expliquei que hoje em dia se fala muito de saúde, está na ordem do dia. Quando era miúdo nunca se falava de saúde." Daí a insistência nos bisturis, uma chamada de atenção à importância que a cirurgia estética ganhou no mundo de hoje, uma necessidade de intervir no corpo e contrariar o curso e a ordem natural das coisas que é aqui desmascarada pela não existência de pele – a primeira a mostrar sinais de envelhecimento.

A grelha de quadriculado tem também a sua ligação às histórias do dia a dia desta comunidade. Com o surgimento da Televisão Digital Terrestre, o sinal da televisão tornou-se pior na zona. "O quadriculado também faz sentido para as pessoas de São Bartolomeu, porque passaram a ter pior receção. Estavas a ver o Jornal da Noite com a Judite de Sousa e tudo o que estava atrás dela estava focado, menos a jornalista. Estava tudo pixelizado."

Contemporaneidade é também o que proporciona uma diversidade de interpretações. A auréola, laranja, por cima do escalpe da figura do santo pode ser também encarada como um penteado moicano, que lhe confere um ar indígena, nativo, numa referência à pertinência do regresso às origens, por contraste ao excesso de globalização que possamos estar a viver nos dias de hoje.

Num dos dias em que Tiago Batista estava a pintar na empena do prédio, passaram dois homens que iam para o mercado e fizeram o seguinte comentário: "Mas quem é que encomenda um serviço destes?!" Ao que Tiago Batista lhes respondeu: "É 'um serviço destes' só para os velhos."

Martírio (detalhe), Tiago Batista, São Bartolomeu de Messines, 2016.

FREGUESIA Concelho:
SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES Silves

Localização:
Rua António Cabrita Pires

GPS:
Latitude 37.256403
Longitude -8.287972

Martírio (detalhe), Tiago Batista, São Bartolomeu de Messines, 2016.

Recebemos a equipa e os artistas no nosso espaço para divulgação do projeto, de forma a envolver o público. Cada um tem uma visão própria do que é a arte, mas é sempre uma mais-valia – é importante promover o contacto do público com este tipo de realidade. Onde antes existia uma estrutura cúbica, existe hoje um suporte para arte.

Jorge Correia, 48 anos, Sociedade de Instrução e Recreio Messinense.

12

ALS Messines

Autoria:
Xana

"Amo r", "liber dade", "sabe dor ia". Estão escritas assim. Xana pegou em palavras que expressam preocupações artísticas recorrentes no seu trabalho inspirado na técnica da *Cartilha Maternal* de João de Deus. Isto porque João de Deus de Nogueira Ramos nasceu em São Bartolomeu de Messines, em 1830, e há inclusive uma Casa-Museu, na Rua Dr. Francisco Neto Cabrita.

ALS Messines, Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

"O meu irmão, oito anos mais novo, andou na Escola João de Deus, na Estefânia, em Lisboa. E eu lembrava-me disso, dele a estudar a *Cartilha*. Pesquisei na Internet, vi as construções e decidi jogar com isso", conta Xana. A sua intervenção artística a solo em São Bartolomeu de Messines está situada nas quatro paredes do posto de transformação da EDP, junto à sede da Sociedade Columbófila de S. B. de Messines, que na empena tem uma obra de Menau. Do outro lado da rua, nos degraus que dão acesso a um quarteirão residencial, há também umas manifestações de arte urbana mais antigas: são flores.

"Como se tratava de um posto de transformação de eletricidade, senti-me mais livre, porque não havia uma relação com a especificidade arquitetónica da zona. Por isso, levei alguns valores, coisas que me preocupam, que me têm preocupado nos últimos anos, e que alimentam a relação entre a minha atividade artística e os valores presentes em mim enquanto artista e enquanto ser humano." Visto de longe, o posto de transformação da EDP é um cubo colorido, como aqueles objetos ou brinquedos que manuseamos – que temos ao dispor. Assim são os conceitos ligados à liberdade – amor, sabedoria.

Numa tarde de sol de inverno, as cores serão menos intensas à vista do que numa tarde de verão. O amarelo terá a intensidade da cor do Sol consoante a estação. O método de João de Deus usa diferentes cores para identificar os fonemas de uma dada palavra ou frase escritas na *Cartilha* ou no quadro da sala de aula. Mas o vermelho aqui vem de outra referência. "Usei a cor vermelha pelo impacto visual e porque

ALS Messines, Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

é uma das pedras típicas de Silves, o grés. É uma pedra vermelha muito característica da zona, de origem argilosa. O Castelo de Silves é feito dessa pedra." O uso do vermelho tornou-se evidente, há vários edifícios da vila e da zona em que as molduras das janelas são pintadas de vermelho, a imitar esta pedra.

"Juntei o movimento da ondulação porque percebi que na igreja há umas formas onduladas." As formas onduladas são um dos traços do trabalho de Xana. "Quando chego a uma terra e vejo que as minhas formas estão lá, é fantástico. Vou usar as minhas formas porque vão reconhecê-las, identificar-se com elas." Cria-se, junto da população, uma empatia, uma ligação espontânea com o trabalho que se está a fazer. Quando Xana estava a pintar as suas quatro paredes, uns miúdos aproximaram-se e perguntaram: "Em que é que podemos ajudar?"

ALS Messines, Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

FREGUESIA Concelho:
SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES Silves

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, R. José Francisco Viseu

GPS:
Latitude 37.257742
Longitude -8.291749

ALS Messines, Xana, São Bartolomeu de Messines, 2016.

Tentámos receber o projeto da melhor maneira, agrada-nos bastante. É uma mais-valia, traz uma valorização aos edifícios, às fachadas. A arte em si atrai outros públicos, que normalmente não temos cá. E não queremos que fique por aqui, queremos que continue. Para ser sincero, tenho sentido mais impacto junto das camadas mais velhas de pessoas, a pedirem intervenções nas caixas da EDP Distribuição das suas ruas. Pode pensar-se que as pessoas estão pouco viradas para este tipo de arte, mas não. Perguntam quando é que chega à rua delas.

João Carlos Correia, 45 anos, presidente da Junta de Freguesia de São Bartolomeu de Messines.

13

Intervenção Coletiva

Autoria:
Menau
Susana Gaudêncio
Tiago Batista
Xana c/ Daniel Vieira

Estavam 42 graus. Não se conseguia trabalhar mais do que quinze minutos seguidos. "Foi algo que se começou a fazer de forma *ad hoc*. O Xana já tinha pintado grande parte, um rebordo vermelho e umas letras. Eu pintei a parte da esquerda, só com linhas, achei que devia ficar assim abstrato." Tiago Batista está a falar sobre o muro que existe na Rua Nova do Ribeiro, em Alte, uma intervenção coletiva de artistas na qual participou, juntamente com Xana, Susana Gaudêncio e Menau. Daniel Vieira, artista com casa na terra – e que fundou a Horta das Artes –, acabou por se juntar ao coletivo e colaborar na obra.

Cada artista contribuiu com traços que são transversais ao seu trabalho. Xana colocou uma moldura à volta de uma reentrância da parede e uma barra no topo superior do muro, ambas vermelhas, ambas onduladas, numa alusão às platibandas como património arquitetónico algarvio a ser preservado. Acrescentou ainda as letras que formam a palavra "amor", mas de cabeça para baixo. À esquerda, Tiago Batista pintou uns círculos feitos de riscas finas na diagonal, à semelhança da intervenção que fez no lavadouro público de Alportel. Já Susana Gaudêncio transpôs o título do seu jornal de parede – a intervenção artística que fez a solo em Alte, na parede da Horta das Artes – para este muro, fazendo ligação com a palavra "amor" pintada por Xana; pode ler-se "um Clarão de... amor". Menau trouxe o nariz vermelho cor de escaldão, os lábios e um dos olhos da mulher do campo que retratou numa arrecadação junto à Estrada da Ponte, também em Alte.

Ao olhar para o painel, Daniel Vieira achou que o seu trabalho poderia fazer ali sentido e propôs colocar gravuras, técnica em fotocópia recorrente na sua obra, na reentrância da parede onde estão colocadas caixas de eletricidade. "Acabei o curso de Belas-Artes [FBAUL] em 1984 e o Daniel lembrava-se de mim. Criámos logo empatia", conta Xana.

"Ele tinha fotocópias de ranchos folclóricos e gostava de colocá-las nas caixas de eletricidade. Percebemos logo que ficavam bem."

"Fiz uma representação figurativa e juvenil da mulher do campo com traços gráficos, num ambiente relaxado e sem compromisso, de forma a encaixar harmoniosamente nas técnicas e conceitos dos outros artistas", elucida Menau.

Fizeram uma espécie de "cadáver esquisito", em que cada um pegava na contribuição feita pelo outro e acrescentava algo. Acabou num poema visual. "Foi importante a oportunidade de ter tido estes momentos de conversa e de aprendizagem com estas pessoas, de lhes ter trazido alguma atenção. Até porque houve interesse por parte da imprensa, foi feita uma reportagem pela RTP", conta Susana Gaudêncio, referindo-se à importância de projetos como o **Arte Pública fundação edp**, que promovem um contacto dos meios rurais com a arte. "Para ser efetivo, tem é de ser algo mais continuado. Daí que a ideia de criar um itinerário seja positiva, reaviva aquilo que aconteceu."

Intervenção Coletiva, vários autores, Alte, 2016.

Intervenção Coletiva (detalhe), vários autores, Alte, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALTE Loulé

Localização:
Rua Nova do Ribeiro

GPS:
Latitude 37.235679
Longitude -8.177128

Intervenção Coletiva (detalhe), vários autores, Alte, 2016.

Achei interessante a vivência com os artistas. Gostei de ter falado com eles. Estou a fazer uma tese sobre uma dança, que é feita com desenhos feitos no computador. Fiz umas fotocópias grandes, sou amante da máquina fotocopiadora. Gostei muito do jornal que fizeram na parede da minha casa. Está a sumir-se, gosto mais de o ver assim, parece que ficou um jornal velho. Gostei que tivesse ficado com aquela cor desbotada, achei piada.

Daniel Vieira, 79 anos, fundador da associação cultural Horta das Artes.

14

Gentes da minha terra

Autoria:
Menau

"Tinha ido tomar café com uns amigos que vivem no Barreiro e que me vieram visitar e, na pastelaria, soube da assembleia. Decidimos ir", conta Ana Maria Dias, 65 anos, que saiu de Alte ainda a revolução de Abril não tinha acontecido. Saiu em 1972 rumo a Lisboa, onde fez toda a sua vida, a trabalhar na Caixa Geral de Depósitos. Hoje é reformada e divide o seu tempo entre Lisboa e Alte, por causa da mãe. Participou na segunda assembleia, em que se deparou com o problema da falta de murais para acolherem as obras de arte do Arte Pública fundação edp. Propôs de imediato a parede da arrecadação da sua casa, que fica à beira da estrada que atravessa Alte, a Estrada da Ponte. "Gostei do projeto, ofereci a parede. E correu muito bem."

"*Gentes da minha terra* é o retrato gráfico – decorado de elementos geométricos – das esquecidas senhoras da apanha da fruta, da vila de Alte", explica Menau. "Junta-se assim, nesta obra, o passado e o futuro, visando novos tempos, mais prósperos."

A arrecadação tem dois andares, baixos de altura, a parede é branca e as portas e as janelas, feitas de chapa, são vermelho-alaranjado, cor de trabalho de sacrifício nos campos, sob temperaturas impossíveis do sol de verão. A camponesa, no desenho de Menau, tem um chapéu de palha estilizado, riscas azuis suaves, lenço à cabeça e uma camisa também azul matizada por pequenas rosas brancas. O azul é uma das cores do Algarve, azul do mar, azul das platibandas das casas, azul do céu a proporcionar temperaturas amenas durante o inverno. Já a tez da camponesa é pálida, o seu olhar é triste e cansado. O nariz está pintado a vermelho-escuro, vermelho cor de escaldão.

Gentes da minha terra, Menau, Alte, 2016.

Menau já regressou aos locais onde fez intervenções artísticas. E Alte não foi exceção. "Sim, algumas vezes, quando tenho possibilidade ou quando passo por perto. Dou sempre um saltinho para ver o estado de preservação das obras e inteirar-me de como a comunidade reage à obra com o passar do tempo."

"A mim dá-me a ideia de ser uma mulher do campo, trabalhadora. Parece ter uma enxada. E depois há ali um lenço, que parece fazer dela uma mulher um pouco vaidosa. Fiquei com uma parede maravilhosa", continua Ana Maria Dias. E referiu-se a outra obra de Menau em Alte, no posto de transformação da EDP Distribuição junto ao mercado: "Também gostei muito da do menino. Aquela torre é ótima para ele."

Visita guiada, Alte, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALTE Loulé

Localização:
Estrada da Ponte

GPS:
Latitude 37.234079
Longitude -8.174683

Gentes da minha terra, Menau, Alte, 2016.

Estive na segunda assembleia, diziam não haver paredes. E eu disse: "Não há paredes?! Há a minha." Fizeram uma intervenção no anexo da minha casa, foi muito giro. Gostei imenso, adoro estas coisas novas. Há aí tantas paredes para se fazerem coisas. Esta terra precisa de coisas destas, está a morrer. Chega às quatro e meia da tarde e não há ninguém na rua.

Ana Maria Dias, 65 anos, dona da parede com *Gentes da minha terra*, de Menau.

15

O jovem da aldeia

Autoria:
Menau

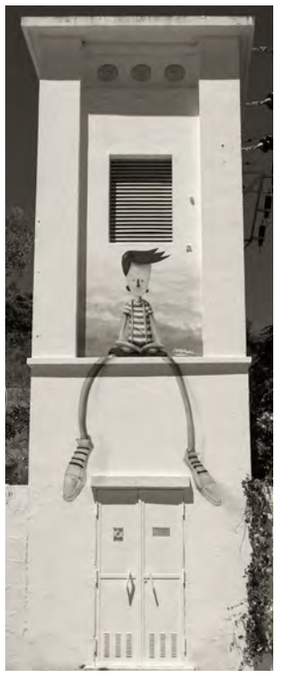
Os jovens vão embora. Não há jovens. Esta foi uma das preocupações mais prementes nas assembleias que decorreram em Alte, e Menau pegou nesse enunciado para trabalhar sobre o posto de transformação de energia da EDP Distribuição junto ao mercado da terra. Quando chegamos a Alte pela estrada principal, cortamos na rua da associação cultural Horta das Artes, subimos as escadas e viramos à esquerda. Aí encontramos a Pastelaria Água Mel, que tem uma vista desafogada, com direito a terraço, sobre pequenas várzeas e alguns montes, ao longe.

"*O jovem da aldeia* representa esperança e juventude. Representa esperança na renovação, na existência de mais um ciclo na prosperidade de uma aldeia. Trata-se de um novo guardião de um conhecimento quase esquecido, crescendo e aprendendo de uma forma natural e diferente da que se vive nas grandes cidades", explica Menau, referindo-se à importância das tradições e costumes rurais. "Refere-se à forma como com esse conhecimento, energia e novos ideais tão característicos dos jovens se cria um mundo novo, um mundo diferente. Um mundo puro."

O céu pintado por trás do jovem desenhado por Menau é de azul-inocência. Por cima da cabeça do boneco, está uma janela gradeada que serve de respiradouro ao edifício da EDP e acaba por ser um elemento cénico a integrar a obra. O jovem está com um livro aberto nas mãos e está a devolver o olhar a quem olha para ele. De sorriso nos lábios. As pernas, essas, são fininhas e muito longas, tão longas como a capacidade de os jovens viajarem e conhecerem lugares novos, ganharem mundo. Essa sensação de mundo ganho fá-los muitas vezes querer regressar às origens, à terra onde nasceram ou à terra onde nasceram os pais, numa maior consciência e apego às tradições e à responsabilidade de preservar o património cultural e histórico.

As pernas podem funcionar também como um convite. São tão compridas, quase a alcançar o solo, que parecem umas cordas, que nos permitem trepá-las e sentarmo-nos ao lado do rapaz e usufruir de um lugar privilegiado sobre a rua e admirar a paisagem.

"A comunidade é tudo, quando se trata do Arte Pública. Quando se cria um projeto como este, o papel principal da arte é comunicar com as pessoas locais, em que se consegue fomentar a sua união de forma antecipada, para debater ideias e necessidades."



O jovem da aldeia, Menau, Alte, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALTE Loulé

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, Estr. de Sta Margarida

GPS:
Latitude 37.235349
Longitude -8.177811

O jovem da aldeia, Menau, Alte, 2016.

As pessoas que se envolveram ficaram muito motivadas, envolveram-se mesmo. Algumas pessoas gostaram tanto que queriam que fossem intervencionadas as suas paredes. O projeto em si é muito interessante, acho que é uma ideia muito bem conseguida, apesar de algumas falhas. Mas o conceito é excelente, o efeito foi excelente, os artistas são de grande valor, fizeram obras muito bonitas. As pessoas aqui em Alte aceitaram muito bem, não ouvi um comentário negativo. A obra de que gostei mais foi a do Menau, no posto de transformação. Está num sítio estratégico, está muito bem conseguido, naquela estrutura. É a aquela de que as pessoas mais falam.

Sílvia Martins, 43 anos, presidente da Junta de Freguesia de Alte.

16

Baltazar

Autoria:
Daniel Padure

O Baltazar é um burro que vive em Alte, no Sotavento algarvio. O Balthazar é um burro que vive – e morre – numa pequena comunidade rural em França e é a personagem principal de um filme de culto da história do cinema, da autoria do francês Robert Bresson, estreado em 1966, *Au Hasard Balthazar*. Chegamos e vemos a vida e a arte a replicarem-se, como efeito de borboleta. É o que acontece a quem conhece o filme de Bresson, chega a Alte e ouve contar a história do burro da terra que toda a gente conhece.

No filme de Bresson, Balthazar é um burro que vive uma vida de sacrifício. A história é comovente, retrata a existência difícil à qual o animal foi votado, passando pelas mãos de donos sucessivos, uns a tratarem-no bem, outros nem tanto. Na sua entrega sempre igual à tarefa que lhe é imposta, dia após dia, não consegue perceber porque é umas vezes acarinhado e outras, açoitado. Mas continua sempre a fazer o seu trabalho, aceitando o destino sem qualquer questionamento ou rebeldia.

O *Baltazar* pintado por Padure é o espelho alegre do Balthazar filmado por Bresson; a preto e branco mas alegre, sorridente. E também leva a sua carga. Padure colocou um moinho no dorso do animal numa alusão às muitas sacas de farinha que os burros costumam transportar. O desenho está feito num muro com a altura equivalente a uma casa de dois andares. Só por cima dessa parede que ampara do desnível da encosta é que está construída a casa do proprietário, Marco Guerreiro.

"Reparei que havia burros na zona", conta Padure. "E os burros transportavam a farinha. Foi uma forma de preservar a identidade da aldeia." Ao Baltazar, revela que foi fazer-lhe "festinhas". "Uma vez, estava a tirar fotografias à intervenção que fiz na parede e o Baltazar passou à frente. Foi muito engraçado." A parede encontra-se na estrada principal que atravessa Alte, de um lado as casas, do outro um terreno acidentado, bonito, com uma ribeira a descer pelas pedras. O barulho da água a descer o seu curso natural é dos poucos sons permanentes que se ouve.

"Quando trabalhas em espaços públicos, é muito importante não ofender ninguém. Normalmente, estou sempre a tentar fazer coisas relacionadas com o espaço, com as pessoas, para não ser fora do contexto", continua Padure.

A relação dos locais com a arte é ainda associada à ideia de bonito. Padure não pintou a parede de branco antes de fazer a intervenção porque considerou que o aspeto descascado conferia uma maior verosimilhança à ideia de trabalho árduo destes animais e da vida no campo. Mas houve contestações, houve quem considerasse que não ficou tão "bonito" o facto de *Baltazar* não ter sido inscrito numa superfície nova, pintada de fresco, limpa. Há uma pureza, uma inocência, na ligação ao objeto artístico, sem filtros cognitivos. Apenas uma relação para com o que começou por ser a função primeira da arte: a de embelezar, a de "tornar mais bonito".

Nos dias de verão, de muito calor em terras no interior da serra algarvia a sotavento, Padure era interpelado pelas pessoas, não apenas com a pergunta costumeira "quer um pouco de água?", mas com uma solicitação, uma que lhe comprovava que o seu trabalho estava, como desejava, a integrar-se na vida da comunidade. "Perguntavam-me: 'Tenho lá uma parede na minha casa, não quer ir lá também fazer uma pintura?'".

Visita guiada, Alte, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALTE Loulé

Localização:
Estrada da Ponte

GPS:
Latitude 37.235096
Longitude -8.176703

Baltazar, Padure, Alte, 2016.

Acho que é diferente. Sempre mudou um bocadinho isto aqui, dá uma vida diferente à terra. E tem que ver com a região.
Daniela Gomes, 28 anos, empresária.

17

O Clarão

Autoria:
Susana Gaudêncio

"O que me surpreendeu mais foi, pelo facto de ter andado a espreitar periódicos do início do século XX, até aos anos 30, 40, perceber que estas terras eram superautónomas", conta Susana Gaudêncio. "Já foram bastante ativas. E esses periódicos eram mais do que jornais, tinham um papel social e cultural muito forte. Davam conta do senhor que ia a Faro comprar bolota para os animais; noticiavam, por exemplo, a visita de António Ferro ao rancho folclórico da terra." António Ferro foi o diretor do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo que, em 1938, promoveu o concurso "A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal". Alte perdeu para Monsanto e ficou em segundo lugar.

A intervenção de Susana Gaudêncio para Alte, assim como para Alportel, traduziu-se num jornal de parede, pintado numa das paredes da Horta das Artes, uma associação cultural fundada pelo artista Daniel Vieira, nascido na terra. Chama-se *O Clarão* e, no canto inferior esquerdo, sob fundo amarelo, tem um desenho com a seguinte legenda: "Figura 5. A serra de pedra, que podia ser uma ilha, esconde todos os mistérios." Faz parte de um poema sequencial de pequenos desenhos e frases. A inspiração veio-lhe de uma vez em que Daniel Vieira levou os artistas às fontes de água que existem em Alte e, entre histórias de estrelas, lhes contou que à meia-noite a água para de correr por momentos.

Já no canto inferior direito, sob fundo azul, diz-se, sob o título "Falta de Espaço": "Por este motivo somos forçados a retirar deste número alguns artigos e notícias do que pedimos desculpa aos nossos presados [*sic*] colaboradores."

"Em Alte, a assembleia foi muito concorrida. Estava a presidente da junta, uma representante do município, a coordenadora do núcleo museológico, vários curiosos", descreve a artista. "Percebi que as pessoas viram este momento como uma possibilidade de exprimirem alguns dos seus gostos ou preocupações, a nível cultural, social, religioso e até político. A falta de oportunidades para os mais jovens, por exemplo. Mas todas tinham muito orgulho na sua terra, nas suas tradições."
E refere, acerca da importância de projetos como o Arte Pública fundação edp: "Este tipo de projetos faz sentido a longo prazo, num contexto de sensibilização da arte. É uma boa forma, através de uma ação pública, de as pessoas poderem comentar, participar."

O Clarão, Susana Gaudêncio, Alte, 2016.

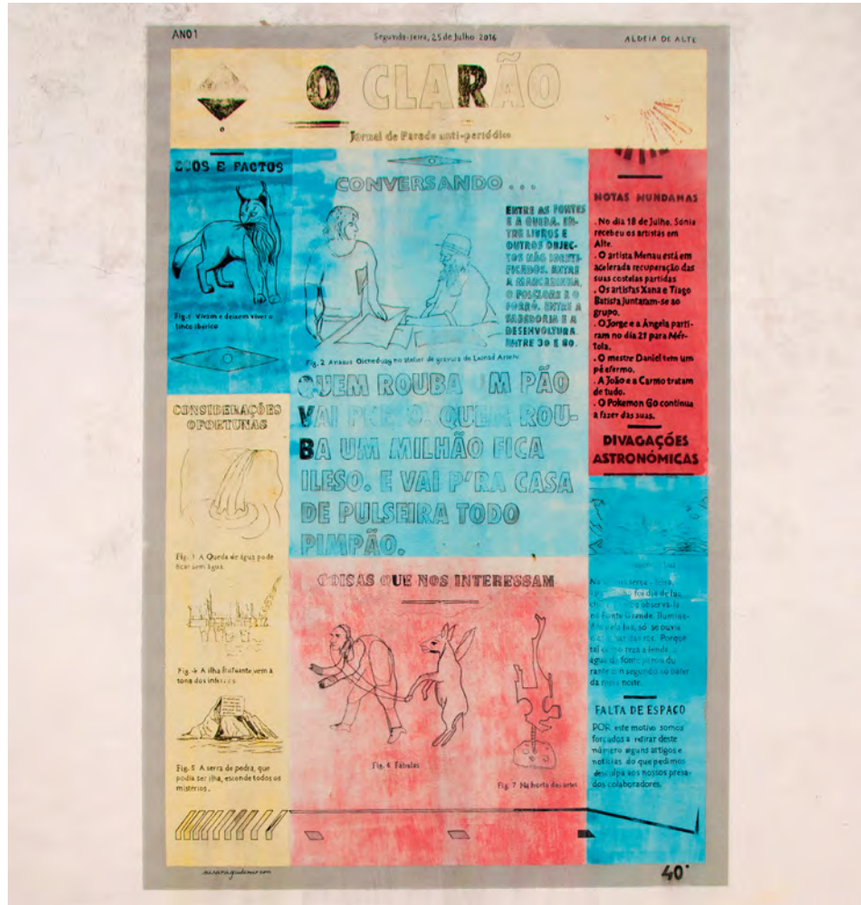
O mesmo se aplica à sua obra. "A ideia é um periódico ir-se atualizando. O meu, nesse sentido, é antiperiódico. Mas se calhar vou atualizá-lo daqui a uns anos." Em Alte, ainda se encontram em uma ou outra parede resquícios de palavras de ordem pintadas aquando das primeiras eleições pós-25 de Abril. Nas paredes da Horta das Artes, está pintado um excerto de Salgueiro Maia, ao lado de dois cravos vermelhos enormes. "Trata-se de um palimpsesto, que vai vivendo novas vidas por cima, sem grande memória do que se passou antes. Este jornal de parede não me importa que daqui a uns anos só descubram parte dele e faça cada um o seu próprio *puzzle* da história que passou por ali."

O Clarão, Susana Gaudêncio, Alte, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALTE Loulé

Localização:
Horta das Artes,
R. Nova do Ribeiro, nº4

GPS:
Latitude 37.235399
Longitude -8.17705



O Clarão, Susana Gaudêncio, Alte, 2016.

Alte tem muita história a nível cultural. A igreja, por exemplo, tem uma lenda associada: havia uma morgada, a morgada da Quinta do Freixo, que vinha à missa a uma igreja a Vila Verde do Vale [hoje, Santa Margarida]. A missa nunca começava sem ela chegar; ela um dia atrasou-se e encontrou os fiéis já de volta, pelo que disse "Alto! Que se construa aqui uma igreja, que será sede de freguesia." Ações como esta são importantes, atraem novos públicos. Sou estudante no âmbito da intervenção comunitária e, como futura educadora social, vou querer ter projetos que passem por esta área, por este tipo de intervenções.

Sónia Silva, 41 anos, Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte.

18

O Portal

Autoria:
Susana Gaudêncio

FREGUESIA Concelho:
ALPORTEL
São Brás de Alportel

Localização:
Largo da Rua 25 de Abril

GPS:
Latitude 37.175383
Longitude -7.909295

"Fui a duas assembleias, uma em Alte e outra em Alportel. Em Alportel, decorreu no Núcleo Museológico e foi participada pelas senhoras que o gerem e pelo diretor do Museu da Santa Casa da Misericórdia em São Brás de Alportel", conta Susana Gaudêncio. Alportel não é sequer uma aldeia, é um lugar, no concelho de São Brás de Alportel. "O meu projeto era *site-specific*. Passei mais tempo nos locais." Tal como em Alte, a intervenção artística de Susana Gaudêncio para Alportel foi um jornal de parede. Consultou arquivos, visitou museus, conversou com os locais; no caso de Alportel, falou com as senhoras do Núcleo Museológico do Museu do Traje de São Brás de Alportel e com alguns transeuntes. Fez também a Rota da Cortiça. Alportel, palavra que vem de "portal", é a porta de acesso para a serra. Aproveitou e fez um percurso por algumas aldeias de beira de estrada. As visitas de Susana Gaudêncio às senhoras do Núcleo Museológico, que ficaram encarregadas de serem as guias locais para as intervenções artísticas do Arte Pública fundação edp, decorriam à hora do chá.

Ao centro, em cima, está a mancha de destaque do jornal de parede pintado por Susana Gaudêncio no Parque do Alportel, um pequeno largo empedrado inaugurado em abril de 2005 e que fica defronte da igreja. Mesmo ao lado desta, encontra-se o posto de transformação da EDP Distribuição que serviu de tela a Xana, outro dos artistas do "WATT? – Um Projeto Artístico para a Comunidade". O jornal de parede chama-se *O Portal* e esse destaque, a amarelo, dá pelo título de *Coisas que nos Interessam*. No corpo desse artigo, ilustrado com figuras de animais, lê-se: "Fig. 1 Coisas da Serra. A caça, os pastores, o mel, as papas de milho, a linguiça, os tomates fritos com ovos. Terrenos de xisto e grauvaque com fósseis marinhos. Sobreiro, azinheira, águia, grifo, coelho, lobo, esteva (...)."

"Eu é que fui a editora do jornal. Partilhei com os populares a investigação que fiz, mas a edição foi feita por mim", refere Susana Gaudêncio. Enquanto fazia investigação, descobriu um hábito antigo muito curioso, que veio na perfeição ao encontro do seu projeto artístico: "Em Alportel, os vizinhos deixavam recados nas paredes. As paredes falavam. Umas mensagens eram duras, eram da ordem das ameaças, e outras eram de amor, eram poemas escritos às escondidas. Mas toda a gente sabia quem as escrevia." Com o jornal de parede, Susana Gaudêncio acabou por fazer uma ode a essa tradição.

A barra onde está desenhado o título do jornal a preto tem partes da tinta, azul, já a cair; o jornal está a começar a descamar. O mesmo está a acontecer com o de Alte. As tintas usadas não se deram bem com as condições climáticas e estão a desbotar, dotando os tons de um pastel que confere um encanto especial ao projeto. Como se fossem aguarelas em papel, com um tempo de duração limitado. "Foi um lapso com as tintas. Tinha pedido têmperas plásticas, impermeáveis, mas na loja enganaram-se e mandaram não impermeáveis. Só percebemos no final. Tentámos fazer a fixação com verniz mas este não resiste a grandes chuvadas. De alguma maneira, vai ao encontro da ideia do formato que escolhi, o do jornal."

O Portal, Susana Gaudêncio, Alportel, 2016.

O Portal, Susana Gaudêncio, Alportel, 2016.

Esta é uma época em que, como todos nós, os artistas estão a perder o pé. A tessitura da arte perde complexidade, a sua natureza de resistir e de fazer frente está a esboroar-se perante o ímpeto da mercadorização, que invade todas as instâncias da vida. Apesar de tudo, a inteligência, a sensibilidade, o carinho e o rigor que pariram estas obras conferiu-lhes a capacidade de convocar o espírito do lugar. Há agora ali um chão para fazer outros caminhos. Cabe-nos agora a nós, cidadãos e instituições locais, decidir se queremos, ou não, percorrê-los.

Graça Passos, 58 anos, guia local.

19

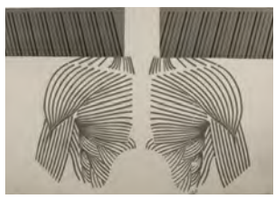
Nada se lava sozinho

Autoria:
Tiago Batista

"É um gesto de amor ir lavar a roupa de alguém." Chega-se a Alportel pela rua que dá acesso ao largo da igreja, continua-se em frente e, no entroncamento, vira-se à direita. Nessa rua há umas quantas casas, uma em azulejo a destoar de todas as outras, brancas, com platibandas, mas logo a rua se torna mais descampada, uma seara do lado direito, protegida por um muro branco baixo. O passeio alarga e há um poço, com ar de desuso. Logo a seguir, um lavadouro público, a pintura branca recente. Perante o cenário que se depara a quem chega, a intervenção de Tiago Batista no lavadouro só podia ser subtil, servir a harmonia do momento e da paisagem. Na murada da estrutura de cimento que protege a série de seis tanques do sol e da chuva, Tiago escreveu, de forma discreta, como se fosse uma marca d'água, "nada se lava sozinho" à direita e, à esquerda, a mesma expressão mas invertida, como se fosse um espelho. "Quando lá cheguei é que foram elas. Pensei 'não posso pôr cor aqui, está tudo pintadinho de branco, seria agressivo para a paisagem'. Não fazia sentido", refere o artista. "A frase é a de uma cunhada minha, dita numa qualquer reunião de Natal, a que achei imensa piada."

Ao centro, um torso humano sem pele, traço característico do trabalho do artista. "Não queria que se identificasse o género, daí estar esfolado. Tenho alguma obsessão com esfolados", continua, numa alusão à outra intervenção artística que fez a solo para o **Arte Pública fundação edp** em São Bartolomeu de Messines. Na parede que fica nas costas dos tanques, há duas manchas de linhas cinzentas na diagonal, que convergem para um ponto de fuga ao centro. "São linhas que criei para conferir algum conforto visual. Quando fiz as linhas inclinadas em maquete, no computador, apercebi-me: era um anjo, as asas de um anjo."

As linhas em simetria, como aliás toda a intervenção, fazem também uma ligação gráfica com as pedras onduladas dos tanques, onde se esfrega a roupa ensaboada. As linhas, as duas expressões escritas e o dorso – sem género, só músculos – são feitos a cinzento-claro, um tom não intrusivo. "Fui abordado pelo presidente da junta de freguesia, um senhor muito energético, muito dinâmico. Quando lhe expliquei que ia aplicar tons de cinzento, ele disse 'muito obrigado pelo cuidado, ainda bem! Amanhã está cá um homem às nove da manhã e tem isso tudo pintado de branco para poder trabalhar'." O edifício estava com a tinta descarnada.



Nada se lava sozinho, Tiago Batista, Alportel, 2016.

"É um gesto de amor ir lavar a roupa de alguém", refere Tiago. Na terra, há ainda uma senhora que utiliza o lavadouro público, é provável encontrar-se um tapete lavado a secar em cima da pedra de um dos tanques. O desenho do dorso do corpo humano não tem coração. "Precisamos de ajuda para tudo, até para lavar a alma."

Nada se lava sozinho, Tiago Batista, Alportel, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALPORTEL
São Brás de Alportel

Localização:
Estrada Municipal 1202,
Lavadouro

GPS:
Latitude 37.175554
Longitude -7.907723

Nada se lava sozinho, Tiago Batista, Alportel, 2016.

O Algarve tem esta situação curiosa que parece que tudo é turismo. Mas há outro, que ocupa mais de 50% do território. Nestas pequenas localidades como o sítio de Alportel, onde a faixa etária é bastante elevada, existe pouco turismo, há a sensação de abandono e marginalização, as pessoas sentem-se esquecidas. Projetos como este vêm recuperar um pouco dessa autoestima, vêm abrir algumas janelas às pessoas. Agitou a terra. Houve uma sensação inicial estranha. É sempre um desafio muito grande, as pessoas são de origens muito humildes, e chegam aqui projetos conceptuais, abstratos – é quase um laboratório estudar estes comportamentos. A atitude dos artistas foi bastante humilde. Acompanhei a sua chegada e ajudei na logística. Costumo ir uma a duas vezes ao Núcleo Museológico de Alportel e percebi que houve uma ligação afetiva e amistosa das pessoas do museu com os artistas. E este projeto teve essa preocupação: a de estabelecer previamente esses laços com as pessoas, que todas as tardes estão a abrir o núcleo. Trata-se de uma visão muito social da museologia, é espontâneo, é a população que o abre.

Emanuel Sancho, 51 anos, Museu do Traje de São Brás de Alportel.

20

Outra Babel

Autoria:
Xana

É como se fosse um duplo. Mas um duplo laico, mundano. Ao lado da igreja de Alportel, há um posto de transformação de eletricidade em forma de torre. A parede frontal está pintada de azul, um azul que se confunde com o azul do céu num dia sem nuvens. Um olhar mais aproximado vê tratar-se de dois tons que, na verdade, fazem riscas verticais. Por cima, estão pintadas umas bolas, brancas. Riscas e bolas são elementos recorrentes no trabalho de Xana. E no meio, ao cimo, há uma bola preta.

"A relação foi feita a partir da observação dos elementos decorativos das casas. Acabei por me inspirar não tanto nas casas mais tradicionais, mas numa que é forrada a azulejos, um bocado fora de contexto, uma adaptação atípica feita provavelmente nos anos cinquenta", refere Xana. "Achei que tinha o seu encanto, apesar de ser um pouco *kitsch*." E continua a explicação: "Tinha à disposição a parede de um posto de transformação vertical que se encontrava mesmo ao lado da igreja. Sendo um local sagrado, teria de ter algum cuidado. Não queria entrar em choque, queria dar um complemento ao lado sacramental, mas uma coisa mais ateia. O meu templo não tem um relógio, mas um buraco negro."

A bola preta, o "buraco negro", faz uma analogia ao círculo do relógio da igreja, com ponteiros e números a fazer com que não esqueçamos as horas. O buraco negro tira o tempo ao tempo. É como se fosse a sombra do relógio da parede da igreja, uma borracha que passou por cima e deixou tudo a negro. As cores em azul-céu, ou riscas de adereços de veraneio, fazem também contraste ao branco e às faixas cinzentas da igreja, a sugerir uma inversão, em que é no dúplice, na sombra, que reside o colorido.

Referindo-se de novo à casa forrada de azulejos, Xana explica que "o círculo repete, de forma padronizada – por relação com os azulejos –, um lado quase *pop*. Apesar de querer dar uma dimensão mais transcendental através daquele buraco negro, quis dar, ao mesmo tempo, uma dimensão terrena. São questões que me interessam, misturar áreas diferentes, cruzá-las, numa estratégia barroca. Tenho vindo a fazer uma certa limpeza e a construir o meu alfabeto, é como que um processo de depuração." A ideia é deixar as pessoas viajar nos novos signos que propõe. "E, a partir daí, cada um constrói as suas próprias histórias."

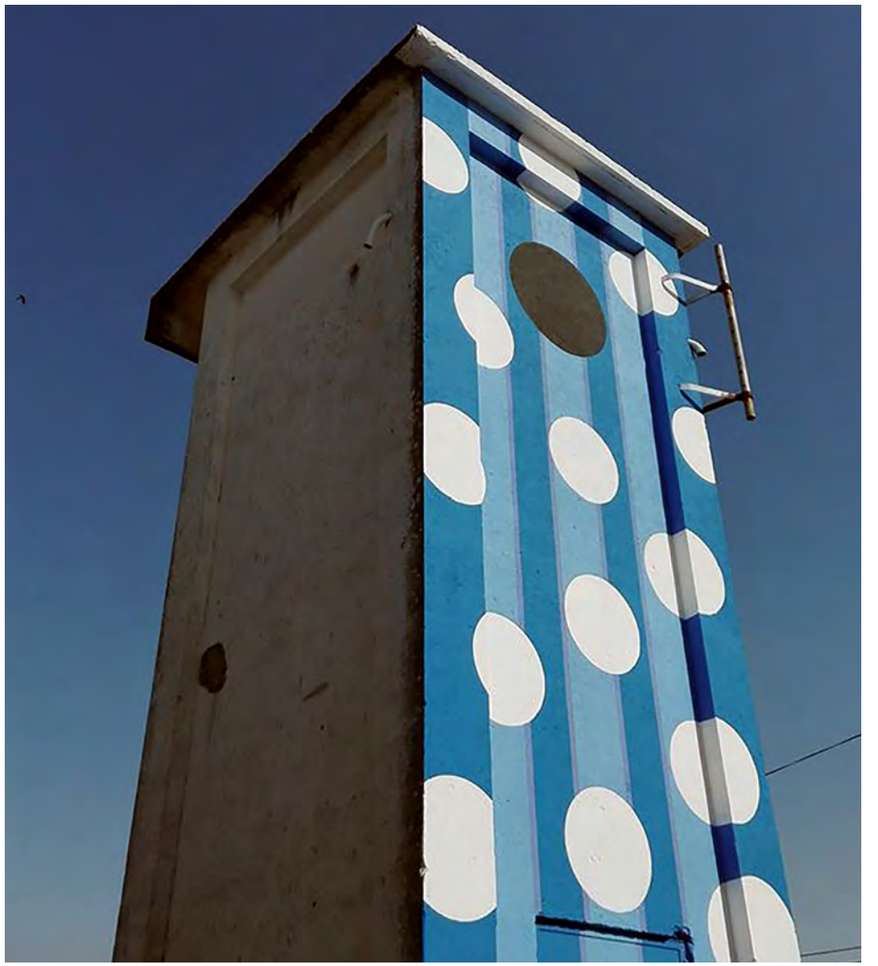
À semelhança do Alentejo, as pessoas vêm muito para a rua, deixam-se estar à sombra a apanhar a aragem que passa. Alportel, de portal, tem a Estrada Nacional 2 a passar mesmo ao lado, classificada em 2003 como Estrada Património, e que era a via principal a ligar Lisboa-Algarve. "Hoje, é vítima de uma falsa animação de turistas", conta Xana. Há autocarros repletos de excursionistas que fazem do lugar um ponto de paragem antes de seguirem caminho. E fazem-no junto ao Parque do Alportel, mesmo em frente ao largo da igreja, onde há um café. Os diferentes tempos cruzam-se ali, os dos locais, os dos visitantes, tudo converge naquela artéria principal que vai dar à igreja, ao seu relógio e à sua sombra – colorida.

Outra Babel, Xana, Alportel, 2016.

FREGUESIA Concelho:
ALPORTEL
São Brás de Alportel

Localização:
Largo da Igreja

GPS:
Latitude 37.175305
Longitude -7.908833



Outra Babel, Xana, Alportel, 2016.

Participei nas duas assembleias. Isto é da terra. E acho que deve continuar, isto é, das pessoas. Fica deixada a semente. Gosto de ver o trabalho que as pessoas imaginam e fazem. Tenho simplesmente a quarta classe, mas sei apreciar. E sei o calor que passaram aqui, a pintar, em cima dos andaimes. Desde que isto foi feito aqui em Alportel, passei a reparar nas reportagens na televisão sobre este tipo de trabalhos.

Helena Neves, 68 anos, voluntária do núcleo museológico.

Arte Pública fundação edp

Roteiro ALGARVE
Projeto WATT?

Curadoria Arte Pública fundação edp:
João Pinharanda

Coordenação Arte Pública fundação edp:
Sandra Santos

Comunicação Arte Pública fundação edp:
Bárbara Vaz Pereira

Textos:
Cláudia Marques Santos

Conceção gráfica:
Cláudia Baeta e Paula Dona

Edição:
fundação edp
Lisboa, junho 2017

Impressão e acabamento:
Indústria Portuguesa de Tipografia, Lisboa

Nº Depósito legal: 425916/17
ISBN: 978-972-8909-35-2

Parceria:

Com o apoio:

Agradecimentos:

Daniel Vieira (artista que colaborou na intervenção coletiva, em Alte).

Às câmaras municipais de: Lagos, Loulé, Portimão, São Brás de Alportel e Silves.

Às juntas de freguesia de: Alte, Mexilhoeira Grande, São Bartolomeu de Messines, São Brás de Alportel, Vila do Bispo, Bensafrim e Barão de São João.

Escola EB 2,3 João de Deus de São Bartolomeu de Messines.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila do Bispo, Casa Branca, Casa do Povo de Alte, Casa do Povo de S.B. Messines, Centro Museológico do Alportel, Clube de Instrução e Recreio da Mexilhoeira, Horta das Artes, Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte, Sociedade Columbófila de Messines, Sociedade de Instrução e Recreio Messinense, Sociedade Recreativa Alportelense, Sociedade Recreativa Figueirense, Museu do Traje, Teatro Experimental de Lagos.

A toda a comunidade participante nas assembleias locais e aos guias locais, dos quais destacamos: Ana Rosa Sousa, Anabela Melo, Sr. Alberto (Mexilhoeira Grande), Belinha, Carla Cabrita, Custódia Reis, Carminda Fiadeiro, Clarisse Conduto, Duarte Rio,Emanuel Sancho, Nina Bradley, João Carlos Correia, Jorge Correia, José Vitorino, Helena Neves, Graça Passos, Paula Bravo, Raquel Boto, Sílvia Martins, Sónia Silva, Vitalina Serpa, Vítor Damas.

Apoio aos artistas: Ana Duarte, Mariana Nunes e Plasa One.

Comunidade LAC.

“Com este programa, a fundação edp contribui para levar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na nossa sociedade. Tem, ainda, outro mérito: o de conciliar no mesmo programa as duas principais áreas de intervenção da fundação, onde tem um percurso reconhecido e consistente: a inovação social e a cultura. Este é um projeto que mobiliza artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resultará num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas.”

Miguel Coutinho
Diretor-geral e administrador executivo da **fundação edp**

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Trás-os--Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel

ARTE PÚBLICA • fundação edp